Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Economia Rural

TEXTOS EM DISCUSSÃO DE EXTENSÃO RURAL

COMUNIDADES RELIGIOSAS: A BUSCA PELO ENRAIZAMENTO SOCIAL NA ALTA-MODERNIDADE

Adriano Carlos de Almeida
Ana Louise de Carvalho Fiúza
Paulo Antônio Marciano
Sheila Maria Doula
Neide Maria de Almeida Pinto

TD - 02/2009

Viçosa, Minas Gerais
Brazil

Comunidades Religiosas: a busca pelo enraizamento social na alta-modernidade.

Adriano Carlos de Almeida
Ana Louise de Carvalho Fiúza
Paulo Antônio Marciano
Sheila Maria Doula
Neide Maria de Almeida Pinto

1 Introdução

Em um mundo em que cada vez mais a crise em torno das identidades é iminente, onde o individualismo e a competitividade conduzem a um acirramento e a perda das raízes culturais e dos valores, como a crença em Deus e no transcendente, percebe-se, como paradoxo o surgimento e o fortalecimento de "Comunidades Religiosas", talvez como uma possível resposta a esse contexto percebido como instável e inseguro. Objetivamos, neste estudo, compreender o processo de construção da identidade e das formas de pertencimento sob o direcionamento das idéias religiosas e simbólicas. Para tanto, escolhemos o processo de construção de Comunidades Religiosas vinculadas ao catolicismo, a partir da experiência do Movimento de Renovação Carismática Católica (MRCC) no Brasil. Analisamos de que modo a religião e a religiosidade emergem, como possibilidade de construção de laços de identidade e de pertencimento, como resposta aos preceitos modernos, entre eles, o individualismo.

Enquanto os movimentos de contra-cultura da década de 60 e 70 pregavam a negação aos valores da modernidade, buscando um "refúgio" do mundo moderno fazendo a sua negação radical,as Comunidades Religiosas do MRCC, de fins do Séc. XX, parecem não desejar uma ruptura com a sociedade dominante. Procuram, antes, projetar uma superação de características que existem nela, tais como: o materialismo, o individualismo e a competitividade, sem, no entanto, se isolar da mesma. Tais comunidades religiosas surgem baseadas na idéia de estreitamento dos vínculos afetivos não-individualizados e do fortalecimento de uma vida de retidão, fé e orações comuns, que tem como objetivo estender-se para a sociedade. As comunidades atuais não são tradicionais, são "inventadas".

O objeto de estudo da pesquisa que ora apresentamos os resultados foi uma comunidade religiosa, a *Fraternidade Pequena Via*, na cidade de Viçosa-MG, ligada ao Movimento de Renovação Carismática Católica, embora autônoma. Neste estudo

objetivamos compreender o processo de construção da identidade e das formas de pertencimento na *alta modernidade*; que, de acordo com Giddens (1991), se caracteriza como33 um período de *desenraizamento* social dos indivíduos, os quais cada vez mais passam a viver em lugares distantes de suas terras de origem, deslocando-se para as áreas mais dispersas do globo. Isto conduz a um processo que promove o distanciamento dos valores culturais e a perda gradual dos vínculos de pertencimento social. Tal processo, conjuntamente à perda do sentimento de grupo, pode ser entendido como a sinalização cada vez mais intensa de uma nova cidadania-mundo.

Visto todo este quadro conjuntural, a importância deste estudo se dá no fato de tratá-la como investigação das novas feições que a alta modernidade adquiri, percebendo a modernidade como não-linear e não-evolutiva. As ingerências da modernidade implicam movimentos que lhes são opostos e, paradoxalmente, complementares. Estudar as novas dinâmicas sociais, o retorno às comunidades e a nova configuração das identidades constitui-se fato crucial para que entendamos os caminhos tecidos rumo a uma sociedade pós-moderna.

2 Marco Teórico

Para Bauman (2003), a palavra *comunidade*, remete-nos a algo bom, à sensação de bonança, de "aconchego", ou seja, lugar onde nos encontramos seguros, lugar de descanso e de reflexões. O conceito traz a noção de "confiança" que se estabeleceria contraposta ao sentimento de insegurança vivenciado na pós-modernidade. Porém, de acordo com o autor, a comunidade não seria mais um mundo alcançável. As relações se fariam em relação a um sentimento de saudosismo. A comunidade no seu conceito tradicional é inatingível. Bauman aponta a contradição entre a comunidade por nós imaginada e a realmente existente. As dissonâncias se dão puramente no campo do imaginário se configurando dentro de uma perspectiva de projeto a se construir.

Bauman (2003) percebe a comunidade como um campo de possibilidade para a afirmação da "identidade" e da auto afirmação do indivíduo em conviver entre iguais. Um dos conceitos essenciais para o entendimento da configuração das comunidades religiosas na é o de "identidade". Este conceito permite-nos a compreensão dos laços que atam a coesão das comunidades, proporcionando-lhes um ideal comum que se estabelece consoante aos referenciais histórico-culturais.

Manuel Castells (2002) argumenta que toda identidade é socialmente construída, sendo seu conteúdo e significado determinados por motivações advindas dos atores que a constroem. Para o autor, no processo de construção a identidade herda elementos da história, da geografia, da biologia, das instituições produtivas e reprodutivas, assim como da memória coletiva e das fantasias pessoais. Também faz uso dos aparatos do poder e de revelações de cunho religioso. Desta miscelânea, o autor concebe três formas de construção de identidades, as quais se encontram marcadas por relações de poder. A primeira é a identidade legitimadora, que seria veiculada pelas instituições sociais consideradas dominantes; a indústria cultural, os poderes político das grandes potências econômicas, são exemplos que bem representam este tipo de poder legitimador. A segunda é a identidade de resistência, construída pelos atores que se encontram marginalizados e lutam contra a dominação, criando assim o que ele chama de "*trincheiras de resistência"*, sob determinados aspectos, o movimento de contracultura enquadra-se neste exemplar. A última está em torno da identidade de projeto, que se estabelece quando os atores sociais constroem uma nova identidade que possa redefinir sua posição na sociedade[1]. (CASTELLS, Manuel; 2002, pp. 22-28).

Stuart Hall (2003), problematiza a idéia de identidade, afirmando tratar-se de um conceito muito discutido na teoria social da atualidade. Salienta que as velhas identidades, que por longo tempo geraram uma estabilidade para o mundo social, parecem cada vez mais entrarem em declínio. Nesta linha, o autor aponta o surgimento de novas identidades no mundo contemporâneo, que tendem a fragmentar o indivíduo moderno, até, então, visto como um sujeito unificado. A abordagem de Hall está assentada em torno da chamada "crise de identidade" do mundo pós-moderno, a qual é compreendida como parte de um processo mais amplo de mudança, que acaba por deslocar as estruturas e os processos centrais sobre os quais se estruturavam as sociedades modernas, abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.

A abordagem de Canclini (2003), acerca do conceito de identidade está afinada com a discussão de Castells, partindo igualmente da análise dos processos históricos, para a compreensão da formação das identidades. De acordo com o autor, a identidade não pode ser definida com base apenas em alguns aspectos como a língua, a tradição e a

[1] Castells (2002), salienta que a identidade de projeto se caracteriza por um desejo de expansão à todo o restante da sociedade de uma determinada visão de mundo e de conduta. Podendo, nesse sentido, ter-se a transformação de uma identidade antes de resistência, em identidade de projeto, quando esta melhor caracterizar as motivações e objetivos dos atores que a conduzem.

conduta, pois isto significaria uma desvinculação dos traços da história na qual foram formados. Nessa perspectiva reitera que resgatar a história é um dos aspectos primordiais para a busca ou a construção de uma identidade legítima. Afirma o autor que conceitos e traços da identidade compreendidos de forma isolada são insuficientes para firmar uma memória e uma identidade comum.

Neste aspecto, é possível relacionar a idéia de identidade ao conceito de cultura elaborado por Claval (apud CORRÊA, 1999). De acordo como o autor, a cultura seria concebida como uma soma de comportamentos, de saberes, técnicas, conhecimentos e de valores que são acumulados pelos indivíduos ao longo de suas vidas. Nesse sentido, salienta que: "*a cultura é herança transmitida de uma geração a outra. Ela tem suas raízes num passado longínquo, que mergulha no território onde seus mortos são enterrados e onde seus deuses se manifestam.*" (CLAVAL apud CORRÊA, 1999, p. ?).

O processo que promove na alta-modernidade o distanciamento dos valores culturais e a perda gradual dos vínculos de pertencimento social foi retratado também segundo Hobsbawm (2000, apud RIBEIRO, 2001), como a perda das raízes no mundo contemporâneo. Para o autor:

> *a destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas – é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Dessa forma, desintegraram-se os velhos padrões de relacionamento social humano e os elos entre as gerações se quebraram. Isso ficou muito evidente nos países mais desenvolvidos da versão ocidental do capitalismo, onde predominaram os valores de um individualismo associal absoluto [...] reforçados pela erosão das sociedades e religiões tradicionais.* (HOBSBAWM, 2000, apud RIBEIRO, 2001, p. 4).

Adotando um ponto de referência semelhante Reis Filho (2000, p. 193), ressalta que estamos em "*uma era de reconhecida e irrefreável tendência à globalização*", encontrando-nos, "*simultaneamente em meio a um turbilhão de conflitos sobre identidades políticas e fragmentação étnica*". Por outro lado, de forma paradoxal a esse contexto de instabilidade e indefinições, se fortalecem os sentimentos nacionalistas mais localizados e a valorização de identidades em culturas regionais, que disputam territórios e afirmam o seu poder. Este movimento também é característico entre aqueles que buscam na religião uma resposta para dúvidas e anseios, que se agravam ainda mais pelo fato de estarmos envolvidos em um contexto onde cada vez mais as raízes sociais

parecem se diluir e as formas de pertencimento social perdem a sua força na construção das identidades coletivas.

À respeito dessa tendência contrária à lógica de individualismo moderno, de competitividade, de perda das raízes e racionalismo intrínsecos, que parece apontar para a morte dos valores religiosos e da crença em Deus, Ribeiro (2001) destaca a emergência de uma ressignificação do entendimento e concepção do sagrado no mundo da alta-modernidade. Nesse sentido, o que se percebe é uma reformulação do pensamento religioso no mundo atual, o qual parece construir sua identidade pautada na importância das relações humanas e na manutenção das formas de pertencimento, opondo-se à desintegração acelerada das formas coletivas tais como a família e as próprias Igrejas.

3. Metodologia

Para compreender o processo de construção de identidade na Fraternidade Pequena Via, a pesquisa adotou além da revisão de literatura os seguintes procedimentos metodológicos: levantamento histórico da Comunidade; a observação participante; e entrevistas com os membros da Comunidade. Através desta estratégia, foi possível perceber quais são os laços de identidade que são construídos dentro da comunidade "Pequena Via", a relação dos participantes com o espaço físico da comunidade e a interação da comunidade – sociedade.

A etapa seguinte se constituiu na observação participante. Realizadas através de constantes visitas a comunidade, nas reuniões de sábado, onde todos os membros se reúnem semanalmente para cumprimento das tarefas das atividades da comunidade. Para cada visita foi elaborado um roteiro de observação, cujo conteúdo ocupava-se com o foco de cada visita. Após cada visita, os pesquisadores, individualmente elaboravam um sucinto relatório, que continham as principais impressões da visita. As reuniões semanais na universidade, dentro do grupo de estudo do qual participamos, se constituíram como um espaço de reflexão acerca das observações feitas e em um momento de aplicação das devidas correlações com as literaturas até então levantadas.

Na próxima fase da pesquisa, deu-se a realização de entrevistas, momento em que questionamos a respeito do espaço e identidade da comunidade. Foram realizadas, além de diálogos eventuais com os membros, entrevistas semi-estruturadas com participantes da comunidade, de diferentes perfis. A amostra dos entrevistados foi

diretiva e não aleatória, visto que nos interessava trabalhar com entrevistas em profundidade com os membros mais antigos da comunidade, que possibilitassem construir a história da comunidade e, também, com aqueles que tinham vínculos com a Universidade, visto que como grande parte dos estudantes e professores são de fora de Viçosa, tais participantes, poderiam se constituir em indivíduos desenraizados socialmente.

Em tais entrevistas buscou-se compreender a construção da identidade religiosa e os laços de pertencimento existentes na Comunidade, assim como os motivos que levaram os seus membros a dela fazerem parte. Tomando-se como base de análise uma amostra qualitativa foram aplicados 15 questionários entre os membros da Fraternidade Pequena Via; sendo 10 questionários aplicados aos membros que entraram na Comunidade entre 1 e 2 anos; e os outros 5 questionários aos membros mais antigos, dentre estes os membros fundadores. Tal amostra representa 75%% dos membros que residem na Chácara da Comunidade e 25% de membros que não residem na chácara.

Na última etapa da pesquisa foram realizadas três visitas, para a realização de uma *etnografia* mais detalhada da comunidade. A preparação dos membros da equipe de pesquisa para tal tarefa exigiu exercícios e reflexões acerca da prática etnográfica. Questões sobre distanciamento e alteridade foram levantadas nas reuniões. Esta última etapa foi de fundamental contribuição para o detalhamento das atividades realizadas na vida em comunidade e para a identificação de quais elementos eram preponderantes para a sua coesão.

4 O Movimento de Renovação Carismática Católica (MRCC)

Em entremeio a esta conjuntura de desenraizamento social e perda dos vínculos identitários de caráter local, que devemos circunscrever o crescimento dos movimentos culturais de caráter religioso, na alta-modernidade. O Movimento de Renovação Carismática Católica (MRCC) inicia suas atividades no ano de 1967, na cidade de Pittsburgh (EUA), de acordo com Alvarenga (2002), ligado a alunos e professores da Universidade Duquense. Em um momento inicial, professores e estudantes, buscavam experimentar o chamado *Batismo do Espírito Santo* e, a partir daí, desenvolver os dons carismáticos, com base em leituras pentecostais e através da participação em encontros

interdenominacionais[2]. No Brasil, o MRCC foi introduzido em 1969 por membros da própria hierarquia católica. Alguns grupos contaram com o apoio e a influência de pastores evangélicos, que transmitiram parte da tradição protestante em seminários e grupos interdenominacionais de oração.

Dentre os elementos principais do MRCC estão os chamados *carismas*, entendidos como dons e talentos, os quais sendo entregues aos fiéis, passam a dar-lhes uma identidade especial dentro do grupo religioso ao qual pertencem. O uso dos carismas é uma das formas diferenciais do MRCC em relação aos outros movimentos religiosos no âmbito da Igreja Católica[3]. É por meio da atribuição de carismas, que se formam as Comunidades Religiosas, que abarcariam um carisma específico de forma coletiva. Este carisma, encarado sob a forma de "missão", incentivaria e justificaria o surgimento das Comunidades, que apoiariam neste a sua função existencial. Considerando que a difusão dos carismas se aproxima do ideário religioso difundido pelas igrejas protestantes, o incentivo à criação dessas Comunidades poderia marcar uma ruptura na forma de difusão da fé Católica, que agora utilizaria além do espaço dos próprios templos, novos espaços de territorialização da sua fé.

De acordo com Mariz (2004), entre as primeiras e mais importantes Comunidades Religiosas ligadas ao ideário do MRCC no Brasil, estão a *Comunidade Canção Nova*, com sede em Cachoeira Paulista (SP), a *Comunidade Shalom*, em Maceió (AL), e a *Toca de Assis*, com sede em Campinas (SP). Embora não estando oficialmente a ele vinculadas, estas Comunidades se destacam dentro do MRCC, pelo fato de serem as mais antigas e também as que mais congregam membros. Mariz (2004), ressalta que na Igreja Católica no Brasil, o MRCC tem se destacado, não apenas por sua popularidade, mas, principalmente, por suas críticas aos valores da sociedade secular, os quais são compreendidos como uma ameaça aos valores cristãos e à própria vida familiar. Nesse sentido, embora na verdade o MRCC esteja apenas defendendo o discurso oficial da Igreja Católica, este o faz com uma convicção tamanha que o singulariza em relação a outros setores dessa igreja, especialmente, os mais intelectualizados e politizados.

---

[2] De acordo com Alvarenga (2002), nestes encontros reuniam-se pessoas que já haviam passado pelo Batismo e que revelavam e incentivavam a experiência.

[3] De acordo com Juanes (apud ALVARENGA, 2002), os carismas são tanto um elemento característico do MRCC, quanto também um elemento fundamental, por isso lhes é reservado um tratado especial. Um dos méritos do MRCC é recordar a importância dos carismas na vida da comunidade cristã e de seus membros, nesse sentido, sua presença na Igreja não seria acessória.

Para Mariz (2004), existe uma possível relação entre esse tipo de discurso, o qual entende como reativo à modernidade e aos valores individualistas, e a criação e difusão das Comunidades Religiosas, levantando a hipótese de que essas comunidades poderiam oferecer alternativas aos que, por razões diversas, se sentem impossibilitados de participar de uma família, ou estão insatisfeitos com o modelo de família existente na contemporaneidade. Dessa forma, argumenta que essas Comunidades se aproximam de propostas comunitárias surgidas em movimentos contra-culturais, durante as décadas de 60 e 70, e também de Comunidades criadas por grupos esotéricos com religiosidade do estilo Nova Era. Também afirma a semelhança destas comunidades com experiências ainda mais antigas e tradicionais dentro do cristianismo, tais como as ordens religiosas.

Contudo, o MRCC tem chamado a atenção de inúmeros pesquisadores em diversas partes do mundo, inclusive no Brasil, pelo processo de criação das Comunidades Religiosas, as quais Mariz (2004), chama de "Comunidades de Aliança e Vida no Espírito Santo". A partir das experiências de "Oração no Espírito", as quais ocorrem em pequenos grupos que se encontram semanalmente nas paróquias, e, também, de "Estudo e Oração" realizadas em eventos maiores como os chamados "Seminários no Espírito", esses católicos, que se autodenominam "renovados", tomam a decisão de construir uma Comunidade Religiosa.

Mariz (2004), ressalta que estas Comunidades surgem a partir de iniciativas de determinadas lideranças que emergiram no MRCC, sendo algumas destas lideranças leigas. Há casos de Comunidades fundadas por um padre, por um casal, outra por um grupo de jovens, o que demonstra que a espontaneidade de seu surgimento apresenta indícios de autonomia em relação à hierarquia do Movimento. Assim, embora estejam ligadas ao MRCC, as Comunidades Religiosas, não fazem parte de sua estrutura, pois não estão vinculados ao funcionamento do MRCC, como os Grupos de Oração e outros órgãos de direção. As Comunidades se relacionam com estes grupos, mas mantêm sua autonomia, ocorrendo casos em que não se definem como parte do MRCC, muito embora tenham surgido com base em experiências de seus membros dentro desse movimento.

No caso específico do Brasil, as Comunidades se multiplicam tanto em número de membros como de casas, expandindo-se por vários Estados da federação, chegando a alcançar, inclusive o exterior. Cada uma das Comunidades, de forma similar às Ordens e Congregações Religiosas, tem um carisma fundador e regras próprias, que se por um lado parecem lembrá-las, por outro, se diferem bastante. Isto é perceptível quando,

nessas Comunidades se reúnem numa mesma casa, fiéis de ambos os sexos, e também casais com filhos. As Comunidades se sustentam na maior parte das vezes pelo trabalho de seus membros, mas em geral contam sempre com a doação dos chamados membros de aliança, que são aqueles que se vinculam às Comunidades, vivendo contudo, fora de seus limites, não deixando a vida secular.

4.1 A fraternidade Pequena Via

Neste estudo, centralizamos nossas análises a partir do processo de construção da identidade e das formas de pertencimento na comunidade *Fraternidade Pequena Via*, na cidade de Viçosa, MG. Esta Comunidade Religiosa tem se fortalecido entre membros da estrutura da Igreja Católica local, de forma especial nos setores que se aproximam do MRCC, mesmo que, segundo os fundadores mantenha um suposto distanciamento em relação a este. Entre os 70 membros que a integram, encontram-se professores e estudantes universitários, comerciantes, professores secundaristas, entre outros profissionais. A entrada dos membros parece se dar sempre a convite dos que já estão vinculados, ou ainda de uma ligação estreita com os núcleos do MRCC local, o que sugere uma relação que se aproxima de outras formas de associação, e de solidariedade mútua.

No aspecto estritamente financeiro, a sobrevivência da Comunidade ocorre, de acordo com os entrevistados, por meio de doações dos próprios membros, que trabalham fora da Comunidade, além de doações de terceiros, que se interessariam pela causa, situando-se como "benfeitores". A Comunidade também oferece por meio de um centro de espiritualidade, cursos e palestras, dos quais a renda se reverte para a manutenção das atividades internas. É interessante destacar também um tipo de ajuda mútua estabelecida entre os membros fundadores, que parecem compartilhar de uma "redistribuição da renda", a qual denominam de "Economia Solidária".

Esta Comunidade Religiosa tem se fortalecido entre membros da estrutura da Igreja Católica local, de forma especial nos setores que se aproximam do MRCC, mesmo que, segundo os fundadores mantenha um suposto distanciamento em relação a este. Entre os 70 membros que a integram, encontram-se professores e estudantes universitários, comerciantes, professores secundaristas, entre outros profissionais. A entrada dos membros parece se dar sempre a convite dos que já estão vinculados, ou

ainda de uma ligação estreita com os núcleos do MRCC local, o que sugere uma relação que se aproxima de outras formas de associação, e de solidariedade mútua.

Na avaliação dos membros da Fraternidade Pequena Via o fato do sítio onde a comunidade tem a sua sede ocupar um espaço físico dentro de um bairro de periferia, marcado por muitos problemas sociais dá grande relevância para o trabalho por eles desenvolvido. A comunidade é dentro deste campo de representação de seus membros percebida como um espaço de transcedência da realidade mundana, ao ser concebida como um espaço marcado pela espiritualidade e pela oração. Percebemos isso em duas das falas sdos mais antigos membros da Fraternidade Pequena Via. Segundo eles:

> *"(...) a Fraternidade Pequena Via tem uma importância fundamental no bairro, como um local de reuniã, das pessoas num local que leva a gente à oração. E a oração é como se fosse o cimento que une e modela os tijolos. A chácara da comunidade tem essa finalidade, de ser a junção dos seus membros. A gente vem aqui é pra rezar, pra partilhar, pra se formar. Pra mim, a comunidade é um presente e tem um papel fundamental de união e de oração".*
>
> *"Acho que acima do espaço físico do lugar que a gente está, acho que é muito a espiritualidade em si. Eu me identifiquei muito Santa Teresinha, então é o principal que me traz aqui. Mas esse espaço físico ajuda muito, é um lugar tranqüilo de muita paz".*

Neste sentido, Bauman (2003) argumenta que a busca por segurança por meio da idéia de comunidade, seria uma feição marcante da nossa sociedade nos contextos atuais de fragmentação e de individualismo. Durante toda a modernidade os aspectos preponderantes para a estabilidade dos significados foram perdidos e não poderiam mais ser facilmente alcançados. As comunidades, de um modo geral, se constituiriam como simulacros de uma realidade falseada, talvez um alheamento às conjunturas marcantes da atual conjuntura social.

No que se refere à questão da penetrabilidade de um discurso de "volta às raízes" em indivíduos contemporâneos, questionamos aos membros da Comunidade acerca do significado que a mesma tinha para eles. A resposta revelou que a busca pela comunidade brotava da necessidade de um lugar comum, em função dos fatos vivenciados na alta modernidade, como esvaziamento cultural, destradicionalização, individualismo e dezenraizamento social; processos estes que atingem um contingente cada vez maior na sociedade atual, que, para sobreviverem, parecem se tornar indivíduos eminentemente modernos, ou parecem resistir de diversas formas,

resgatando laços de uma sociedade tradicional, como parece estar claro nas respostas dos membros:

> *"Eu sempre tive esse desejo de viver em comunidade. (...) a comunidade Canção Nova, não conhecia também porque naquela época era só rádio e foi uma descoberta imensa pra mim, porque quando eu cheguei na Canção Nova tava tendo adoração ao santíssimo e aquilo mexeu tanto comigo, aquele momento de oração, eu pensei, meu Deus que é isso de comunidade, e aquilo começou a fazer perguntas dentro de mim, o que era aquilo, de onde que vem e eu comecei a perguntar os meninos o que é isso? Comunidade? Como é que é? E naquela época uma amiga minha estava fazendo caminho, (...) Então essa minha amiga me explicou o que era e aquilo me incomodava e daí eu senti que algo dentro de mim tinha respondido que era isso! Mas eu sabia o que era, mas aí eu fui atrás pra saber o que era isso que me incomodava, que mexeu dentro de mim. Eu sabia que era viver em comunidade, todo mundo junto, amando-se através das suas limitações e também amando, aceitando um ao outro e pensei: Nossa, que máximo isso! Acho que é isso que eu quero pra minha vida, algo que eu não sabia que existia, mas existia lá dentro de mim. Quando eu nasci, com certeza Deus já tinha colocado lá um desejo de viver essa comunidade e aí eu fui caminhando, fiz o caminho na Canção Nova, depois terminei e entrei na Pequena Via, que hoje estou graças a Deus".*

A vida em comunidade nos tempos atuais não é meramente uma questão de escolha. A escolha se caracterizaria pelo fato de não se ter que optar entre uma coisa e outra, ou seja, não se trataria de abrir mão da possibilidade de acesso a algumas características da sociedade moderna para alcançarem outros. A liberdade não precisaria ser trocada pelo conforto espiritual ou a individualidade pelo bem comum, diferente das comunidades que surgem nos movimentos de contracultura, que procuravam resistir à modernidade. Na Fraternidade Pequena Via o que encontramos foram indivíduos com o cotidiano de pessoas comuns, que não resistem à modernidade, mas que buscavam na Comunidade Fraternidade Pequena Via a segurança que a vida em sociedade, em determinados momentos não os podia lhes oferecer, como a necessidade de uma vida em comum, a partilha, dando-lhes um novo olhar em relação à sociedade.

Mariz (2004), salienta que o apelo por essas Comunidades deve-se, sobretudo, à fragilidade das famílias na contemporaneidade, as quais são vistas como perdendo a capacidade de desempenhar as funções que se espera dela como, por exemplo, a de oferecer apoio afetivo e moral às crianças e demais membros. É importante salientar que esse apelo parece ser mais forte para os jovens, uma vez que se encontram em uma etapa da vida onde muitas vezes se afastaram da família pela primeira vez, para

cursarem a universidade., tendo que enfrentar questões práticas para entrar no mercado de trabalho, somado ao fato de se verem diante de valores religiosos e morais por vezes conflitantes[4]. Conforme podemos notar no regimento da Comunidade as idéias religiosas permeiam fortemente seus postulados, criando uma identidade caracterizada por laços de confiança. Estes postulados sugerem uma integração dada pela busca de ideais comuns, e do estabelecimento de valores sobre os quais sustentar-se-ia a vivência em Comunidade. Entre estes ideais comuns, os membros da Fraternidade Pequena Via, destacam: a humildade, o abandono, a confiança e o amor, que são concebidos sob o nome de *Carismas* e representam a própria identidade da Comunidade, uma vez que é como os membros a entendem e geralmente a definem.

Este aspecto pode ser verificado a partir das entrevistas feitas com os membros, que quando perguntados sobre os objetivos da Comunidade, apresentavam uma resposta semelhante: "*A partir desta inspiração original, como Santa Terezinha, os irmãos da Fraternidade Pequena Via, pretendem encontrar um caminho novo, compatível com a própria pequenez, que coloque a santidade ao alcance de todos.*" O carisma seria como o nome de família que cria laços sociais entre os indivíduos, em torno de uma identidade comum, que proporciona aos membros do grupo se reconhecerem como ligados a outros, como se fossem membros de uma mesma família.

O que nos parece mais interessante ao estudar a construção da Fraternidade Pequena Via enquanto Comunidade Religiosa é o fato dela se encontrar em uma cidade universitária como Viçosa, onde os indivíduos têm suas origens nos mais distintos pontos do país. Dotados de culturas e valores diversos , muitos destes sujeitos, na sua maioria estudantes universitários e pesquisadores, não dispõem de família ou quaisquer outros vínculos de pertencimento ao chegarem em Viçosa. A hipótese que levantamos na nossa pesquisa foi a de que estes sujeitos estariam buscando nessas Comunidades, mais especificamente na Fraternidade Pequena Via, reconstruir laços perdidos, no seu processo de desenraizamento social, marcado por um contexto de alta-modernidade, baseado em princípios de individualismo e de competitividade, que enfraquecem a coesão social. Tais considerações nos parecem mais claras quando observamos nas entrevistas realizadas com os membros, a

[4] De acordo com Mariz (2004), a crise econômica intensifica a dificuldade para a convivência na família de origem e por outro lado, pode restringir a possibilidade de emancipação dessa e a construção de uma nova família, o que se daria, entre outros exemplos, por meio do casamento.

importância dada ao papel que a Comunidade representa para a experiência de vida de cada um deles.

Os membros da Fraternidade Pequena Via não se fecham, nem se isolam em relação ao mundo exterior. Mas, antes, parecem perceber no mundo exterior o desafio para o cumprimento de uma missão, a qual teria função primordial para a existência da Comunidade. Esta missão estaria voltada para o combate do individualismo e da competitividade do mundo moderno. Nesse sentido, em várias falas os entrevistados destacam a criação e a manutenção de vínculos com o mundo externo, como forma de atuação e cumprimento dos objetivos de vida fundamentados na Comunidade.

> *"O carisma é a essência da Comunidade, é o que a faz existir. Eles nos dão a nossa missão, que vai além dos muros da chácara. Ela entra em outros lugares, como por exemplo, a Universidade. Existe um papel missionário da Comunidade que nos leva para o mundo."*

Dessa forma, a maioria dos membros mantém o seu trabalho e sua vida cotidiana fora da Comunidade, se relacionando assim com outras pessoas, estando em contato com valores diversos daqueles que se percebem estruturados dentro da Comunidade. Este contato é, de acordo com os membros, importante para a própria reflexão da vida e da prática que afirmam ter dentro da Comunidade e dos objetivos que esta coloca para a realização de seus trabalhos. Uma fala parece traduzir bem esta análise:

> *"O meu trabalho, o dia-a-dia no meu trabalho na universidade é extremamente importante pra mim, principalmente no crescimento humano, por poder me relacionar com outras pessoas, de outras formas, algumas de outras religiões, outras que não têm religião, acaba que a gente cresce muito com isso (...). E eu gosto muito também de sair, acaba que a gente encontra muito com os jovens, e isso é importante, porque a gente conhece a realidade, conversa com muitas pessoas, que não fazem parte do mesmo grupo nosso, mas que faz a gente crescer também (...). Então eu vou a barzinhos, aqui em Viçosa eu vou também ao Shopping, restaurantes, pizzarias, lugares onde a gente pode sentar conversar, viver a experiência do outro."*

A questão do não-isolamento dos membros em relação ao mundo exterior também fica claro quando observamos que a maioria dos membros da comunidade é formada por estudantes e professores da Universidade Federal de Viçosa, e que, por conseguinte parecem viver, como eles próprios destacam, em uma tentativa de coexistência e

conciliação, entre o universo religioso e o científico-acadêmico. De acordo, com um dos relatos:

> *"Os lugares que me sinto mais à vontade são a minha casa, quando estou com a minha família, a minha república e é claro não poderia deixar de falar, o meu laboratório, na Universidade (...) Um lugar onde posso relacionar fé e razão, que é para mim uma missão.".*

Tais depoimentos nos permitem perceber que na Fraternidade Pequena Via está se consolidando uma *identidade de projeto,* ou seja, seus membros parecem buscar uma redefinição dentro da sociedade em relação aos valores morais e religiosos. Em sentido mais amplo, almejam expandir as suas idéias e concepções de mundo, na tentativa de mudar uma postura geral em relação a uma determinada realidade[5]. É importante destacar que a construção da Fraternidade Pequena Via não aponta para um isolamento dos seus membros face à realidade do mundo exterior, sendo justamente o compromisso em atuar nesta sociedade, pautados pelo carisma-identitário desta comunidade, que lhes fornece o sentimento de pertencimento e enraizamento social.

6 Considerações Finais

Como enquadrar as comunidades religiosas em um momento histórico marcado pela instabilidade e ressignificação cultural? Seriam uma reaparição anacrônica, a reconstrução de traços de identidade tradicionais, uma volta ao tradicional? Com base nas entrevistas e no trabalho de observação participante realizado na comunidade escolhida para nosso estudo, percebemos relação entre o desenraizamento social como motivador de adesão das pessoas a estas comunidades religiosas.

É insignificante a presença de nativos de Viçosa nestas comunidades religiosas. A esmagadora maioria dos membros que a integra vem de outras partes do país, encontrando, neste grupo, apoio face às dificuldades vivenciadas de forma comum por todos. Está presente nesta comunidade religiosa, também, uma necessidade de contribuir para a melhoria da vida das pessoas que vivem no seu entorno. Na comunidade Pequena Via foi construída creches comunitárias, o que reforça a hipótese de que estas comunidades são marcadas, não por um fechamento sobre si mesmas, mas, antes, por uma busca de se inserir socialmente.

[5] Essa linha de análise assemelha-se as discussões realizadas por Castells (1999).

Assim, é possível perceber que a religião e a religiosidade emergem na alta-modernidade como uma possibilidade de construção de novos vínculos de pertencimento, ressignificando as formas de identidade social em torno dos valores religiosos presentes na tradição histórica. Essa pode ser uma resposta da própria sociedade da alta-modernidade à intensificação do caráter de individualização que marca os nossos tempos, o qual se faz notar entre outros fatores, pela desintegração dos valores da família e das formas de convivência coletiva, como a própria Igreja, que tradicionalmente desempenhava um papel institucional voltado para a integração social.

Com isso, a experiência religiosa neste contexto de fragmentação social parece caracterizar-se por uma nova prática, aglutinando diferentes sujeitos que vêem a sociedade individualista e materialista como um sinal da falência do mundo. Nesse movimento, enquadram-se as Comunidades Religiosas, que se organizam com o desejo de contrapor-se a essa sociedade, "criando" ou "representando" um mundo onde as condições de vida e trabalho parecem menos hostis, mais fraternas e humanas. Tal processo, muito embora não nos indique as respostas claras de suas reais motivações e causas, podem explicar o surgimento e a multiplicação de novas identidades e representações coletivas em diversos contextos sociais.

Dessa forma, tudo indica que as Comunidades Religiosas, que surgem a partir do Movimento de Renovação Carismática Católica (MRCC), seguem essa tendência, ganhando importância e projeção nas últimas décadas. Nesse sentido, a Fraternidade Pequena Via, dentro deste escopo, parece crescer justamente pelas críticas em relação aos valores da vida secular da alta-modernidade, percebidos como uma ameaça aos valores cristãos e à própria vida familiar. É a partir desses argumentos que as Comunidades Religiosas, entendidas como grupos que se organizam para resistir aos efeitos da alta-modernidade, tornam-se importantes para compreender como as identidades sociais no mundo atual são moldadas e de que maneira podem significar a constituição de novas formas de pertecimento.

7. Bibliografia

ALVARENGA, Elizabeth G. *A religiosidade de universitários católicos carismáticos em Viçosa***.** 2002, 168p. Tese (Mestrado em Extensão rural). Centro de Ciências Agrárias. Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2002.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.* 4ed. Tradução: Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 2003.

CASTELLS, Manuel. *O Poder da Identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CORRÊA, Roberto L.; ROSENDHAL, Zeny (org.). *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Berthand Brasil, 2003.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade***.** São Paulo: UNESP, 1991, 177p.

GIDDENS, Anthony; LASH, Scott; BECK, Ulrich. *Modernização reflexiva*. São Paulo: UNESP, 1995. 264 p.

HAESBAERT, Rogério. *Des-territorialização e Identidade. A rede "gaúcha" no nordeste*. Niterói: EDUFF, 1997.

HALL, Stuart. *Da diáspora - Identidades e Mediações Culturais.* Liv Sovik (org.). Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos. O breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MARIZ, Cecília L. "Comunidades de Vida no Espírito Santo": Um novo modelo de família? In: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 8, 2004, Coimbra. *Anais...* Coimbra, Portugal: CES, 2004.

PEREIRA, Maíra Teixeira. *Arquitetura como um microcosmo: Religiosidade e representação do espaço na comunidade do Matutu - MG.* 2003, 142 f. Tese (Mestrado em Extensão Rural). Centro de Ciências Agrárias. Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2003.

REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste. *O século XX: o tempo das dúvidas. Do declínio das utopias às globalizações.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. 320p.

RIBEIRO, Jorge Cláudio. *Os Universitários e a Transcendência* - ***Visão geral, visão local.*** **Disponível em: <http:**//www.pucsp.br/rever/univesitários.html**>. Acesso em: 10 ago. 2006.**

SAHLINS, Marshall. *Cultura e Razão prática.* Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Tradução: M. Irene de Q. F. Szmrecsányi e Tamás J. M. K. Szmrecsányi. 11 ed. São Paulo: Pioneira, 2002, 230p.